

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A CONDIÇÃO DA MULHER NA ÁFRICA ANTES DO MUNDO MODERNO

Aluna: BRUNA ALCANTARA BRASIL

Orientador: Prof. Dr. JOSÉ RONALDO ALONSO MATHIAS

RESUMO: A sociedade africana foi colonizada e sua história anterior à esse acontecimento foi colocado como se nunca houvesse existido. Dentro desta história pré-colonial há ricos acontecimentos com culturas muito desenvolvidas e bem desenhadas. Desta forma, mulheres fortes reinaram sozinhas e marcaram sua época.

Palavras-chave: Poder feminino. Rainhas africanas. Matriarcado. África pré-colonial. Matriz africana.

ABSTRACT: The african society was colonized and its history before that was faced as never existed. Inside of this pre-colonial history there are rich events with well-developed cultures and well-defined. Taking this way, strong woman governed alone and marked their time.

Key-words: Woman power. African queens. Matriarchy. Pre-colonial Africa. African origin.

A condição da mulher na África antes do mundo moderno

1. Estudos africanos pré-modernos

Durante anos o estudo sobre a África foi marginalizado, desta forma, os estudos encontrados são predominantemente europeus, dando à história africana a visão branca do que deveria ser descrito por integrantes e participantes desse desenvolvimento histórico.

O ser humano de pele escura, que saiu de seu continente arrastado pela rede da escravidão, espalhou pelo mundo rica cultura, conhecimento de práticas de cultivo e de criação, religião de luz e trevas, e muito além disso, espalhou a força que provém da resistência.

Hegel reforçava a falta de interesse no estudo do continente africano sob prerrogativa de ser um continente que não demonstrava nem mudança, nem desenvolvimento, discorrendo sobre em seu livro intitulado Filosofia da

História.¹ O estudo do continente-mãe continua marginalizado, embora hoje este campo esteja sendo mais explorado por acadêmicos, mesmo que a África seja um dos continentes mais antigos, o berço de diversas civilizações e tenha mantido majestosamente durante séculos a mesma forma de vida descrita na pré-história, como descreve Mário Curtis.²

A África oferece, contudo, uma oportunidade única para a reconstituição do modo de vida das mais primitivas populações, visto encontrarem-se ainda ali povos que conservam hábitos, técnicas e atividades que têm, por vezes, a sua origem num passado muito remoto. Ainda hoje se encontram comunidades de caçadores e coletores(...). Há povos em várias fases de civilização, desde o pastoreio puro dos nômades da Mauritânia até ao cultivo incipiente das terras e à verdadeira agricultura(...). Há agricultores puros e há sistemas políticos que vão dos grupos sem chefe até a poderosa unidade política centralizada. (GIORDANI, 2013. pag 89).

Registros sobre a pré-história da África, termo que pode ter sua definição descrita e discutida por páginas sem fim, demonstram a grande diversidade política, econômica e social presentes neste continente, podendo ser percebido na quantidade de tribos, culturas e línguas tão diferentes dentro de um só continente. Se desenvolverá neste artigo, comparações entre a posição da mulher nesta tela de várias nuances que é o Continente-Mãe porém, sem ter a pretensão de descrever cada agrupamento humano, desta forma, ressaltarei os que mais se sobressaem nos registros históricos. Não será descrito profundamente os tempos remotos, mas se dará mais ênfase à realidade mais próxima do nosso tempo, da África presente nos relatos históricos pré-coloniais à África Contemporânea.

A África Contemporânea está compreendida entre o colonialismo e os dias atuais, de acordo de Penna Filho (2009), em seu livro A África Contemporânea. Marcada por escravidão e exploração, o continente-mãe desde de 1500 é cheio de particularidades. Anterior à esse período já existia história, registros das atividades, estratificação social, hierarquia e luta de poder na África, embora tal aspecto tenha sido marginalizado pelos colonizadores europeus em prol da cultura do continente explorador.

¹ HEGEL. Filosofia da História. 1974.

² GIORDANI. História da África anterior aos descobrimentos. 2013. pag 81-82.

Durante muito tempo os europeus adotaram o ponto de vista de que a África não possuía uma história propriamente dita, haja vista que o continente era composto por uma maioria de povos que ainda não utilizavam a escrita e que, portanto, não eram merecedores de um lugar de relevo no panteão das grandes civilizações. Na verdade, tratava-se de mais um dos vários argumentos racistas lançados a partir da Europa para justificar processos de dominação econômica e política. (PENNA FILHO, 2009)

A África como continente pode ser adjetivada como diversa, mística, antiga e até mesmo incompreendida. Em sua identidade diversa é confundida muitas vezes como sendo um país, ao invés de um mega continente cheio de história, oscilações de poder e grande riqueza cultural.

Vários símbolos conhecidos nos remetem à África, como as esculturas e pirâmides do Egito, o colorido das expressões Nigerianas e Nigerinas, as savanas e os animais selvagens da parte sul-africana e claro, a pele escura e característica desta região. As savanas, em particular, são um dos símbolos mais contundentes na história da África. Antes das grandes navegações, os comerciantes que viajavam por toda a região iniciaram seus excursões, e seu transporte se deu principalmente a pé, apesar de o cavalo, o camelo e o asno serem usados como montaria ou animal de carga na África pré-colonial.

Na pré-história em toda a África o transporte terrestre de bens fazia-se à cabeça de mulheres e homens. As casas, muitas vezes coletivas, abrigavam as diversas ramificações familiares, desde filhos à primos distantes. O espaço se divide entre o chefe da família, suas várias mulheres e filhos, seus parentes e seus hóspedes, revelando que certa parte da sociedade era baseada no patriarcado.

Contudo, temos diversos exemplos ao passar dos anos sobre matriarcados, onde rainhas, princesas e mulheres representadas por mitos estão fortemente presentes na formação de agrupamentos humanos e militares, tem-se como exemplos Cleópatra, Nefertiti e Nzinga.

A agricultura e a criação de gado eram a maior parte da fonte de renda, na África antes de 150 como um todo, devendo-se alguns lucros ao comércio. A riqueza agropecuária se media pela quantidade de bois, com os quais se compravam mulheres para constituir uma família. Como o boi era um bem de

capital, só era vendido em pequenos números e de maneira que nunca ameaçasse a riqueza acumulada. O homem que possuísse mais gado tinha a obrigação de fornecê-lo aos outros homens para que se adubasse a plantação, para que houvesse sacrifícios religiosos e até mesmo com a oferta de banquetes. O papel da tecelagem era presente em alguns grupos sendo em parte destes, papel exclusivo da mulher.

Ao mesmo tempo que o estudo da África é facilitado pela amplitude cultural e pela antiguidade da história há a dificuldade de se pensar a mulher no continente. Mesmo com a definição geográfica e temporal definida, os relatos acerca do papel da mulher antes da chegada dos colonizadores ainda é um assunto pouco discutido na academia.

Nota-se grande diferença entre a estratificação social da mulher africana antes do mundo moderno entre: as mulheres comuns e as rainhas em geral. A estas se dá grande importância e tem sua relevância retratada por meio de grandes templos em sua homenagem, estátuas banhadas a ouro, ricas jóias e sepulturas luxuosas. Já àquelas pouco se relata a importância senão de progenitora de uma nova família, como escrava ou também como serva das rainhas e reis.

Em Kurru, tribo africana situada em Napata e Méroe, no nordeste da África, encontrara-se sepultadas 169 rainhas com pinturas e relatos de uma sociedade de estratificação matrilinear, com grande prestígio pelas rainhas-mães, ou candaces, e rainhas-irmãs, as chefes femininas da família real. Várias mulheres se elevaram ao poder, como rainhas por direito ou como esposas de reis, fazendo assim com que o número de rainhas fosse crescente como exemplo tem-se a rainha Amanixauque, grande negociadora e a rainha Hatsheput, grande líder do grupo Axum e uma mulher cheia de beleza e muito vigorosa.

Na sociedade cuxita de Napata a importância da realeza feminina se mostra forte:

Taraca mandou, então, trazer sua mãe, (...) a fim de que ela o reconhecesse coroado, -Como Ísis virou seu filho Hórus no trono do pai-. (...) para atestar a importância das mulheres na sociedade

cuxita. A mãe do rei talvez fosse um dos principais chefes do partido que o levara ao trono. Ela aparece, nas paredes dos templos, subordinada somente ao próprio rei e, nos túmulos, na posição mais destacada como portadora de oferendas. O poder da rainha, fosse esposa, viúva ou mãe, devia ser considerável. E também o das princesas. (COSTA E SILVA, Alberto, 2009, p.131)

Outros nomes de rainhas são conhecidos e citados com grande importância na história egípcia: “A rainha não se apresenta com a esbeltez que era o padrão de beleza entre as egípcias. Exuberante de formas e com amplíssimos quadris, tem atrás dela um leão(...)”, (COSTA E SILVA, 2011. Pag. 148), descreve-se assim a rainha de Naga. À ela competia a adoração de deuses, sozinha ou com o rei e o príncipe, como retrata as paredes internas e externas do templo. “O poder da rainha, fosse esposa, viúva ou mãe, devia ser considerável. E também o das princesas. Pelo menos, o daquelas que se votavam as funções religiosas” (pag. 131)

Reis e rainhas eram adornados com jóias que iam de anéis a colares de grandes contas, muitas vezes as rainhas se rebuscavam com franjas e roupagens que traziam consigo o peso da realeza.³ As mulheres que cuidavam das jóias das soberanas eram geralmente enterradas na mesma câmara mortuária que as rainhas devido à crença de vida após a morte. Elas eram cercadas de cerâmicas, jarros, estatuetas e diversos objetos de valor para que pudessem agradar os antepassados e garantir uma boa vida após a morte.⁴

2. Teoria Diopiana dos berços meridional e setentrional

O sistema matrilinear formador da sociedade pré-colonial africana influenciou diversos agrupamentos, como militares e familiares e a sua influência nas interações sociais. Este sistema não tem como objetivo sobressair o papel da mulher perante o do homem, o intuito desta forma de organização é a equidade de papéis e de importância reconhecida do homem e da mulher na estratificação social.

³ COSTA E SILVA, 2011. pag 151

⁴ COSTA E SILVA, 2011. pag 154

Na estrutura matricêntrica a hierarquia de poder provém da mulher, seja ela mãe, avó ou tia. Pode provir da figura masculina se a mesma está vinculada a uma figura de poder feminina, como por exemplo, um tio paterno⁵.

Friedrich Engels, descreve a sociedade matrilinear como primitiva, usando como exemplo de desenvolvido a sociedade patriarcal europeia na qual estava inserido, de onde surgem as mais diversas teorias sobre quão primitiva e estática a comunidade africana era antes da colonização, desrespeitando por completo sua história e seus traços particulares de evolução, como ressalta Elisa Larkin Nascimento (2008).

Contestando tal teoria de Engels, antropólogo Cheikh Anta Diop, senegalês com estudos sobre cultura africana pré-colonial, comparando as sociedades mais desenvolvidas na época pré-colonial e as sociedades citadas por Engels, debate que descrever o matriarcado como primitivo carece mais embasamento teórico e histórico por parte do europeu.

Desta forma, Diop propõe a teoria de que existem dois berços para o desenvolvimento da sociedade, baseados na forma de vida de cada sociedade: os grupos nômades tendem a ser patriarcais pois as mulheres eram consideradas empecilhos nas locomoções constantes. Porém, nas sociedades agrárias, o papel da mulher é descrito como central pois eram sinônimo de estabilidade frente a atividade arriscada e imprevisível de caça e guerra realizada pelos homens.

Divide desta forma a sociedade em berço setentrional e meridional ressaltando que não houve transição de organização hierárquica mas diferentes bases de desenvolvimento. A sociedade meridional ressalta a formação familiar e social com base no papel da mulher e sua representatividade, onde a matricentralidade se mostra forte com valores morais que incluem o indivíduo nas atividades de convívio e busca pela paz, pela bondade e pelo desenvolvimento. O oposto descreve a sociedade setentrional, onde a patricentralidade reina devido a suas estruturas colonizadoras, ríspidas e que desconhecem o outro.

⁵ NASCIMENTO, 2009. pag 227.

Diop afirma que as fobias como a xenofobia e a homofobia advêm das sociedades setentrionais, que cultivam o individualismo e o medo do outro. Da mesma forma, ser homem garantia status e glória, como por exemplo, ao desempenhar atividades de caça e garantir o alimento de um grupo de pessoas este indivíduo de sobressaia e buscava se impor sobre os outros.

Fortalecido pelas instituições religiosas que desempenhavam o papel de oprimir e mostrar o que correspondesse aos seus interesses como pecado, a sociedade vivia com o peso da culpa, do medo e do remorso.

A teoria do historiador senegalês ganha cada vez mais força ao descrever a sociedade matrilinear como mais cheia de qualidades, mais sócio-colaborativa e ganha força com os estudos que vem se desenvolvendo na área.

3. Rainhas e soberanas

A mulher egípcia é a mais retratada nas fontes sobre África antes da colonização, mostrando influência de outros povos e grande desenvoltura na estratificação social colocando a mulher como parte da sociedade e, por muitas vezes, dando à ela grandes papéis na dinastia como de rainha e imperadora.

No Egito antigo, vários exemplos podem ser citados de mulheres que sozinhas, ou ao lado de reis e imperadores, que tinham grande influência na sociedade. As mulheres africanas se mostraram fortes guerreiras e estrategistas, ocupando cargos de grande força e representatividade, sendo em questões espirituais, políticas, econômicas ou estratégicas.

Com muitos exemplos de soberanas no Egito temos uma faraó feminina denominada Hatshepsut que reinou sozinha durante a XVIII dinastia, outra importante figura desta região é a rainha e líder militar Cleópatra, sendo que existiam duas formas de soberania: reinar ao lado de reis e as que exerciam seu papel sozinhas frente ao reino, como as duas mulheres citadas acima.

Mulheres fortes e marcantes são citadas na literatura que se refere ao Egito:

Várias mulheres ascenderiam ao poder e se fariam retratar, de ancas largas, gordas e enérgicas, com uma túnica franjada, tão pouco egípcia, a cair do ombro direito, cheias de colares e enfeites, verdadeiros marimachos a combater à frente dos

exércitos, a presidir ao culto, ao espairecer na caça. Veem-se escarificações – que nada tinham de egípcio, mas muito de africano- no rosto de uma delas, Amanixaquete. (COSTA E SILVA, 2011. Pag.144)

Reinavam por poder legítimo, por serem rainhas, faraós ou negociadoras, sem precisar da afirmação masculina ou de um rei para serem ouvidas e respeitadas. Aparecem também ao lado de figuras masculinas, como Nefertiti e Nefertari, mas nada que tirasse a importância feminina das sociedades africanas como ocorre nas sociedades europeias modernas, onde as mulheres são reduzidas a peões no jogo de poder masculino.

A civilização egípcia é colocada por Alberto da Costa e Silva como uma África dentro da própria África, com particularidades quando comparada ao grande continente, e que muito se diferencia na cultura.

A civilização do Egito “era o produto do solo africano” – afirmava Gaston Maspero. “Era basicamente uma cultura africana, com intrusões da cultura asiática” – houve quem insistisse. Pode-se não concordar completamente com afirmação tão categórica, pois o Egito foi uma região de convergência, onde se combinaram Mediterrâneo, Ásia e África. Uma esquina do mundo. Mas – é bom não esquecer – uma esquina que fica na África. (COSTA E SILVA, 2011. Pag.165).

Da mesma forma temos Ísis, irmã e esposa de Osíris, que figurava ao lado do marido como provedora de conhecimentos sobre fertilidade e agricultura, enquanto seu marido, administrava questões políticas e de poder. Isis transmite, da mesma forma ao filho, a sabedoria sobre direitos, dignidade e respeito que Osíris difundira como base de seu reinado em toda a sociedade egípcia, desta forma, o casal é compreendido como unidade formadora da sociedade, com participações igualmente importantes.

Ainda na sociedade egípcia, conhecida por sua beleza marcante, Cleópatra foi uma das maiores estrategistas da história, mantendo com grande competência a independência do Egito mesmo em seu período de declínio econômico.

Retratada em filmes de Hollywood, a “rainha poderosa”, mesmo com sua pele sendo representada de maneira ridiculamente branca para atrair o público, se destacava por sua desenvoltura em negociações com homens e mulheres, seu

posicionamento estratégico trazia vantagens ao reino e Cleópatra foi clamada como importante chefe de Estado do Egito, enfrentando e derrotando com inteligência os exércitos romanos.

Em Angola, forte símbolo que ressoa é Nzinga Mbandi, rainha Ginga, foi soberana no século XVII. Mulher forte e inteligente, lutou contra a invasão portuguesa e holandesa em Angola, virando lenda após ser consagrada heroína nacional na década de 70. (FONSECA. 2015). Ginga (1582-1663) foi recentemente nomeada como a mulher mais famosa da África pelo historiador francês Michel Chandeigne. Liderando exércitos e fazendo frente à colonização, essa rainha era temida por seus inimigos e muitas vezes descrita como “forte como um homem”

Na cultura brasileira sua influência está nas raízes africanas da dança-luta capoeira, onde o movimento *ginga* vem a homenageá-la e representar sua característica mais marcante: o gingado ao lidar com situações complicadas e a habilidade de enganar seu oponente com gestos rápidos.

Em Sabá, entre 1005 e 950 a.C. o reino de Makeda se manteve estabilizado sob influência de Makeda, rainha de Sabá,

Grande negociadora, tinha um vigoroso império desenvolvido pelo comércio de ouro, pedras preciosas e especiarias. Ricas formas arquitetônicas e de infraestrutura marcam onde este reinado atingiu, faixas de terra que iam do Sudão, Síria, Índia e Etiópia.

Com toda a representatividade feminina em solo africano nas época pré-colonial podemos ver seus reflexos em solo brasileiro se observarmos atentamente a formação familiar na Bahia, por exemplo. Onde a mulher é a tomadora de decisões e braço forte da família, por mais que estejamos inseridos em uma sociedade setentrional.

A mulher africana, negra forte, de sangue poderoso, foi marcante em sua época, resistiu aos colonizadores, fez frente aos exércitos, viu sua família destruída e mesmo assim, impávida como uma rocha, retumba sua força pelo mundo e mesmo que a sociedade destruidora insista em dizer que ela não tem

lugar no mundo, ela urra e mostra, como fizeram todas de sua linhagem que, é negra, é rainha e lutará para manter seu lugar.

Referências

COSTA E SILVA, Alberto. **A enxada e a lança: A África antes dos portugueses**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2011.

FONSECA, Mariana Bracks. **Rainha Ginga de Angola: Presença resistente na cultura afro-brasileira**. Revista Arte 21. São Paulo, v. 2, n. 3, p. 80-82, jul-dez. 2014.

GIORDANI, Mário Curtis. **Historia da África anterior aos descobrimentos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2013.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Brasília: EDU. 1974.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro. 2008.

_____. **Afrocentricidade**. São Paulo: Selo Negro. 2009.

_____. **Cultura em movimento**. São Paulo: Selo Negro. 2008.

PENNA FILHO, Pio. **A África contemporânea: do colonialismo aos dias atuais**. Brasília: Hinterlândia Editorial. 2009.